

## **Pinga: Considerações acerca de nossa identidade nacional.**

Autora:

Tamara V. Katzenstein, mestranda da Universidade Paulista

Currículo Mínimo de Tamara Vivian Katzenstein:

Formada em Psicologia pela Universidade de São Paulo.

Videomaker e Professora da Universidade Anhembi Morumbi nos cursos de “Dança e Movimento” e “Teatro”. Mestrada Latus Sensu no curso de Arte Integrativa da Universidade Anhembi Morumbi.

Correio eletrônico: [philbus@philbus.com.br](mailto:philbus@philbus.com.br)

### Resumo:

A bebida alcoólica é conhecida desde os tempos imemoriais pelos homens. Ela tem uma função ritual, em todos os cultos, em todas as épocas. Com a perda da nossa conexão com a natureza humana, surge o alcoolismo, como fuga e problema. A cachaça é a bebida brasileira por excelência e seus rótulos o atestam, apresentando uma embalagem tipicamente popular. Criada pelos negros escravos e consumida principalmente pelas classes mais pobres, é mostrada pela cultura midiática de forma estereotipada, apesar de ser a bebida destilada mais consumida no país.

Palavras chave: Cachaça; Função socializadora; Colonialismo cultural; Cultura popular

## **Introdução**

Esta é uma pesquisa descritiva, histórica e etnográfica. Após descrever a importância da cachaça e como ela surgiu e se desenvolveu, podemos entender o porquê de seu uso estereotipado na mídia. Neste trabalho não está incluída uma parte quantitativa, nem algum estudo de caso específico, sendo apenas a fundamentação teórica que embasará futuras pesquisas. Não que não existam campanhas publicitárias marcantes, como o da pinga 51 (uma boa idéia) ou do Velho Barreiro, mas em geral o glamour em bebidas destiladas está na Vodka ou no Uísque. Neste trabalho, abordaremos a ligação entre a bebida e o caráter nacional do brasileiro e a falta de amor próprio e da força da globalização que faz com que um produto nacional seja absolutamente mal visto.

### **A folclorização como aspecto do colonialismo cultural:**

A cachaça foi uma bebida criada no Brasil e sempre foi o símbolo contra as bebidas de “fora”. É dito que o último pedido de Tiradentes tenha sido: “Molhem a minha goela com cachaça da terra”. A vinda do branco europeu a este país, fez com que estes trouxessem os negros. Estes, misturaram os conhecimentos dos índios de destilamento do álcool, com o ciclo da cana de açúcar, criaram a nossa aguardente, que acabou se colocando, num primeiro momento, contra as bebidas estrangeiras, especialmente o vinho e a bagaceira portuguesa.

Durante a primeira metade do século XIX ela continuou sendo usada como afirmação política dos brasileiros contra o imperador e seus partidários portugueses. Na renúncia de D. Pedro I, em 1831, a cachaça era a bebida de todas as camadas sociais do país. A partir de 1850 começou o declínio do trabalho escravo e intensificou-se uma nova atividade econômica no Brasil: a cafeicultura. Com ela, nasceu um novo setor social, os Barões do Café, enriquecido pelo campo mas ávidos por morarem, portarem-se e vestirem-se como os habitantes de centro urbanos. Substituir os rudes hábitos rurais e consumir produtos estrangeiros era portarem-se como europeus. Lamentavelmente, nessa época instalou-se um largo preconceito contra tudo que era brasileiro: foi a face da moda européia, copiando-

se sobre tudo a França; a época da imigração em massa de italianos e alemães e da tentativa do “branqueamento da nação”. O preconceito manifestava-se contra os produtos nacionais, tidos como coisa sem valor destinado as pessoas pobres, incultas e, geralmente, negras. A abolição da escravatura, em 1888, contribui ainda mais para aumentar a discriminação racial e cultural. Sem trabalho, sem teto e sem oportunidades, os negros livres foram lançados a marginalidade social e econômica. O sofrimento, como historicamente foi, continuo sendo amenizado pela bebida que ele ajudou a criar. O preconceito ganhou termos pejorativos como cachaceiro, pinguço pé-de-cana etc. Porém, em oposição a essas idéias discriminatórias e elitistas, gestou-se o movimento de intelectuais, artista e literatos conhecidos como Modernistas. A Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, iniciou o processo de descobrimento da brasilidade, criticando com ironia e inteligência a tentativa de importação de modelos europeus de cultura e comportamento. Resgatou-se o samba, que se transforma no carnaval e hoje atrai milhares de turistas e a feijoada foi valorizada como comida brasileira especial, entre outros. Um dos seus maiores expoentes, Mário de Andrade, teve sua atenção chamada pela cachaça dedicou-lhe um estudo chamado Os Eufemismos da cachaça. <http://www.assbb.org.br/cachaca.html>

Enquanto que para o europeu o primitivo e o indígena são visto como o exótico, para nós é uma possibilidade de introversão, de nos conhecermos mais. O movimento modernista brasileiro, chamado de Antropofagia, prega a resistência ao colonialismo intelectual. *“Oswald punha em evidência o universo simbólico e cultural de um inconsciente poético, e as possibilidades que este encerrava de uma transformação social de características libertárias e dionisíacas.”*(SUBIRATS:2001, 57)

É preciso, por fim, formular a sempre requerida pergunta sobre a possível ou necessária atualidade da filosofia antropofágica, de sua crítica da modernidade, ou da Antropofagia como programa artístico e como posição intelectual extremos. É certo que, numa mediada implícita, a essa pergunta eu já respondi. O olhar oswaldiano sobre o futuro e o passado, a conjunção da selva e do atelier, da erudição com o popular, ou do matriarcado com a tecnologia em seu projeto de modernidade, seu modo peculiar de inserir as civilizações históricas da América num mundo global, sua construção de uma tradição crítica ou seu apelo em prol da liberdade da linguagem poética, são questões que apontam diretamente para o signo de renovação secular sob o qual vivemos. (SUBIRATS: 70, 2001).

Por outro lado, é preciso ter o maior cuidado nestas filosofias de redenção nacional, para não cairmos nos populismos autoritários do século 20.

Mas a história negativa dos Pop-cults se instaura, sobretudo a partir dos poderosos meios eletrônicos e institucionais que têm permitido difundir e instaurar estes

estereótipos de identidade popular sob a perspectiva expansionista imposta primeiro pelos fascismos europeus e mais tarde pelo neoliberalismo transnacional.

Mas a moderna mediação tecnológica e industrial que permitia implementá-las como efetivo valor absoluto e universal é centrais neste conceito de cultura popular, com suas retóricas de sacrifício, guerra e patriotismo. Goebbels postulou os valores da autêntica alma popular nacional precisamente no contexto de uma discussão sobre as funções dos novos meios industriais de reprodução e comunicação audiovisual: o rádio e o cinema. A autêntica cultura dos autênticos valores do povo definia a autêntica finalidade dos meios técnicos de vanguarda e sua indução global “até a última aldeia campesina”. No mesmo sentido, os ícones híbridos da cultura comercial latina, esgrimidos durante as décadas do Postmodernismo norte-americano como panacéia ilusória, traçaram uma frágil linha divisória entre a ameaçada sobrevivência política e social das culturas latinas das Américas, e as estratégias do “multiculturalismo hegemônico corporativo ou governamental”

(SUBIRATS,<http://www.vitruvius.com.br/arquitetos/arc056/arc056.00asp>)

### **A Função ritual e socializadora do álcool**

O amor dos gregos pelos vinhos pode ser avaliado pelos "Simpósios", cujo significado literal é "bebendo junto". Eram reuniões (daí o significado atual) onde as pessoas se reuniam para beber vinho em salas especiais, reclinados confortavelmente em divãs, onde conversas se desenrolavam num ambiente de alegre convívio. Todo Simpósio tinha um presidente cuja função era estimular a conversação. Embora muitos Simpósios fossem sérios e constituídos por homens nobres e sábios, havia outros que se desenvolviam em clima de festa, com jovens dançarinas ao som de flautas.

( <http://www.academiadovinho.com.br/biblioteca/historia.htm>.)

Nesta parte, organizamos nosso pensamento a partir das idéias de Mircea Eliade em O Sagrado e o Profano. Ele descreve como estes dois universos são diferentes, excludentes, ou como ele afirma, “duas modalidades de ser no Mundo”, principalmente visto pelo olhar do homem que tem com o sagrado uma relação de convivência. Ele afirma que estas duas condições são manifestas no espaço e tempo, e que as festas são a marcação do sagrado no tempo. Quando o homem está conectado com a natureza (interior e exterior), ele está em contato com isso que Eliade chama de sagrado. Neste contexto, a bebida existe de uma forma harmônica, como vamos comprovar no discorrer

de nosso artigo. Estas idéias, são correspondentes ao que Edgar Morin chamou de dessacralização do mundo e Vilém Flusser de desencantamento do mundo.

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinitivamente recuperável, indefinitivamente repetível...è um tempo ontológico por excelência, ‘parmeniano’: mantêm-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. ( ELIADE:2001,64)

E qual a função da festa? Ao nos conectarmos com este momento primordial aonde o mito primitivo foi gerado, pois “a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico e portanto religioso, e sim sua reatualização” (ELIADE:2001, 73), tem uma função regeneradora e terapêutica quem dela participa.

Realmente, a cachaça é uma bebida com pouca tradição: tem apenas 400 e poucos anos. Não tem a mesma idade do vinho e do uísque e é menos elaborada, é mais “crua”. Uma boa cachaça, bem elaborada, envelhecida convenientemente é até mais cara que qualquer outra bebida do mesmo porte. Mas isto é só uma questão de interesse econômico.

O álcool é louvado desde o antigo Egito, no culto a Osíris, entre os Astecas, na religião familiar chinesa, entre os romanos no seu culto a Baco, no hinduismo, nos cultos africanos, na Bíblia, tanto judaica com no cristã. A única exceção são nas religiões ligadas ao Alcorão, e ao budismo, que restringem ou proíbem o consumo de toda e qualquer bebida alcoólica.

Na cultura grega, temos o mito de Dionísio. Ele se confunde com vários outros deuses de várias civilizações, cujos cultos teriam origem há 9.000 anos. Originalmente, era apenas o deus da vegetação e da fertilidade e gradualmente foi se tornando o deus do vinho, como Baco deus originário da Lídia.

Na sociedade moderna, apressada e superficial de hoje em dia, as histórias são conhecidas só pelo seu começo: fala-se de Fausto e de, quando este se associa a Mefistófeles, pode realizar qualquer coisa, e não se vai até o final, ou seja, quando Goethe nos mostra que o que realmente faltava na vida do professor Fausto, era o amor, quando ele se arrepende do que fez com Margarida. Assim também é com Dionísio: associado à alegria e ao teatro, ao lermos As Bacantes de Eurípedes, vemos que a história vai mais longe do que nos mostram as pinturas de Ticiano, Rubens e a poesia de

Keats. Dionísio, Brômio, ou Baco era visto por Penteu, rei de Tebas como o estrangeiro, o filho herege, o filho bastardo. Não aceitando sua condição divina, de Filho de Zeus com Sêmele, uma mortal, prende de forma indigna este “homem”. Dionísio, deus sem compaixão, não perdoa os maus-tratos, as humilhações e os ultrajes sofridos. Usando a própria mãe e irmãs de Penteu, destroça o corpo do rei e conseqüentemente toda a família. Para Vernant, Dionísio, Ártemis e Górgo ou Medusa, são os três deuses que mostram aos gregos a experiência do outro, da alteridade: Medusa é o pavor, a morte, o indizível. Ártemis é a deusa do mundo selvagem e da fecundidade e Dionísio o deus do amor e da morte. Ele é um deus que veio de fora, não é grego “por nascença”;

Com Dionísio,

Temos aqui em plena vida, nesta Terra, a súbita intrusão de algo que nos afasta da existência quotidiana, do andamento normal das coisas, de nós mesmos: o disfarce, a máscara, a embriaguez, a representação, o teatro, enfim, o transe, o delírio do estase. Dionísio ensina, ou obriga a ser outro, e não mais o que se é normalmente, a enfrentar, já nesta vida, aqui embaixo, a experiência da evasão para uma desconcertante estranheza. (VERNAND; 1988, 13)

Dionísio é um símbolo do “amor universal”. Uma das características brasileiras, em relação à Europa, é o não preconceito e a aceitação de povos diferentes.

A visão de Dionísio consiste em fazer resplandecer do interior, em reduzir a migalhas essa visão “positiva” que se pretende a única válida, onde cada ser tem sua forma precisa, seu lugar definido, sua essência particular num mundo fixo, que assegura a todos sua identidade, no interior da qual esse permanece encerrado, sempre semelhante a si próprio. Para ver Dionísio é preciso penetrar num universo diferente, onde reina o Outro, não o Mesmo. (VERNAND, 1999:345).

Como todo deus grego, Dionísio tem sua sombra. Sua ligação com a sexualidade despropositada, seu não limite, deixando as relações chegarem até a loucura ou morte, seu não perdão a quem não lhe faz a corte, tomando a bebida fora de uma situação de ritual, para propósitos apenas pessoais, faz com que a busca do prazer numa sociedade desequilibrada torna-se um real problema. “ Um exemplo evidente é o do aficionado ao vinho que, a fim de usufruir os benefícios do vinho, deve dispor das ocasiões apropriadas para bebe-lo, porque, do contrário, se transformará num alcoólatra.” (LÓPES-PEDRAZA, 2002, 35).

Em anexo, vemos exemplos de embalagens da cachaça, onde podemos perceber o imaginário da qual ela faz parte.

Na Bíblia ele é citado na primeira vez na história de Noé. Quando este saiu da arca, tornou-se agricultor e plantou a vinha. Porém uma vez exagerou e, alcoolizado, apareceu de forma inconveniente aos olhos de sua família. Ou seja, desde o início, ainda no Gênesis, a questão do vinho já é discutida.

No ritual judaico, o vinho é consagrado e utilizado em todas as festas. Inclusive há uma festa, Purim, que tem alguma analogia com o carnaval, aonde se diz que se pode “beber até cair”, pois se pode perder o controle durante esta festa de sua vida. Isto seria uma demonstração da confiança no destino humano nas mãos de Deus. Em Pessach, deve-se beber 4 cálices de vinho. No Shabat, dia consagrado ao descanso, também se deve beber vinho. O êxtase e o relaxamento proporcionado pelo vinho não é mal visto. Mas tudo dentro de formas organizadas e dentro de contextos explícitos.

No Novo Testamento, é clássica a passagem em que Jesus transforma a água em vinho:

(João 2.7-11) Disse-lhes Jesus aos serviçais: Enchei d'água estas talhas. E encheram-nas até cima. E disse-lhes: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E levaram-na. E, logo o mestre-sala, provou a água feita vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala o esposo. E disse-lhe: Todo homem prova primeiro o vinho bom e quando já não têm bebido bem, então o inferior. Mas tu guardaste até agora o bom vinho. Jesus principiou assim os seus sinais em Canaã da Galiléia e manifestou sua glória: e seus discípulos cresceram nele. (S. João, Bíblia, Novo Testamento)

Há tribos indígenas, há onde a bebida faz parte de suas tradições e há outras em que ela não faz. Por exemplo, entre os Waiâpi, há festividades que duram 3 dias onde eles (homens e mulheres) ingerem o Caxirí, bebida feita de mandioca. Nesta ocasião, alguns índios não bebem e ficam de guarda, pois sabem que neste momento estão mais vulneráveis à ataques inimigos. Entre os Xavantes, por outro lado, a bebida não faz parte de seus rituais normais. (fonte - Tutu Nunes, pesquisador da cultura indígena).

Além dos negros terem criado a cachaça da cana de açúcar, pois foram trazidos ao Brasil para plantá-la, ainda hoje, é costume jogar-se no chão um pouquinho da



bebida, para o “santo”. Na verdade, chama-se de santo o orixá a quem se quer homenagear. Nos rituais da umbanda e candomblé a cachaça ainda faz parte.

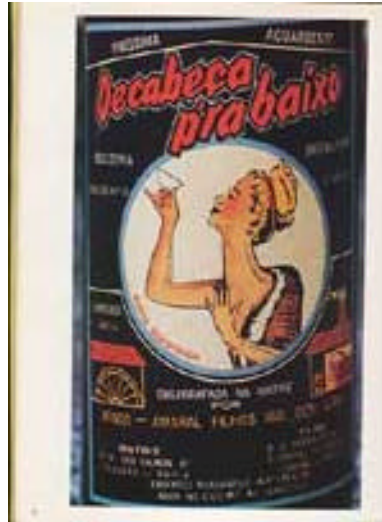
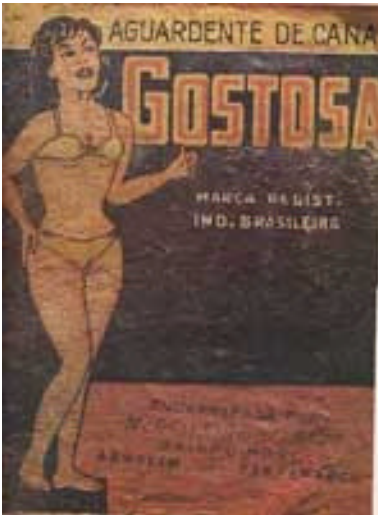
### **Considerações Finais**

Dionísio é uma imagem mítica que nos faz reconhecer no Carnaval, na Cachaça, no culto brasileiro ao corpo. “Se tentarmos idealizar Dionísio, estaremos percebendo-o pela perspectiva de um arquétipo diferente; de um ponto de vista apolíneo, por exemplo. Isto provocará uma indefinição na imagem, conseqüência da confusão dos arquétipos.” (LÓPES-PEDRAZA, 2002,37)

g

Porque uma ecologia do espírito e uma ecologia do mundo mostram que, de tanto querer dissecar a natureza, acabamos por destruí-la. Esse é o risco maior desta virada de século. Trata-se, certamente, da natureza circundante, mas, também, da natureza que está em nós: corpo individual e corpo social, constituídos de emoções, de afetos, de subjetividades de humores, cuja interação e correspondência são das mais fecundas. Os autores vitalistas, apesar de ou graças a suas diferenças, permitem, justamente, pensar que existe uma “tectônica da natureza”, que serve de fundamento ao “ser-no mundo”, individual e social. Sim, por que não dizê-lo e mesmo reivindicá-lo: o próprio de vitalismo e, ao meu entender, da concepção trágica do mundo, que é sua expressão, é mostrar a importância desta entidade misteriosa que é, ao mesmo tempo, causa e efeito do dado mundano. É a enteleguia de Leibniz, a forma vivente de Goethe, o inconsciente coletivo de Jung, até mesmo a consciência coletiva de Durkheim, uma maneira de nomear esta anima mundi, de longa data, que é a força motriz das histórias humanas... O vitalismo pode nos ajudar a pensar a experiência e o qualitativo. Seu fundamento é uma grande confiança na vida, em seus equilíbrios reguladores, seus ajustes sucessivos, a aceitação dos excessos, em suma, essas anomalias que prefiguram a ordem do amanhã. (Maffesoli, 200, 3142, 143, 144).

Num mundo focado no ascetismo das relações, onde o erro é fatal, onde a máquina tornou-se o modelo para como o ser humano deve ser. No Brasil, acreditamos sermos uma sociedade aonde persiste em suas entranhas uma visão dionisíaca, onde o estrangeiro é bem aceito, onde o corpo ainda não se perdeu totalmente nos labirintos das novas tecnologias. E este ensaio tenta nos alertar contra a nossa atitude de intelectuais que sem querer acabam pactuando com esta visão de desmerecimento de interessantes aspectos culturais brasileiros.



## **Bibliografia**

BÍBLIA SAGRADA – Imprensa Bíblica Brasileira – Rio de Janeiro, 1962

ELIADE, Mircea, - O Sagrado e o Profano, a Essência das Religiões – São Paulo, Martins Fontes, 2001.

EURÍPIDES – As Bacantes – Rio de Janeiro – Jorge Zahar Editor, 1993.

JUNG, C. G. – O Dionisíaco e o Apolíneo in Tipos Psicológicos – Rio de Janeiro – Zahar Editores, 1976.

LÒPES-PEDRAZA, Rafael – *Dionísio no Exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo* – São Paulo: Paulus, 2002.

MAFFESOLÍ, Michel – O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades modernas – São Paulo- Editora Zouk, 2003.

SUBIRATS, Eduardo – A penúltima visão do Paraíso: ensaios sobre memória e globalização – São Paulo – Studio Nobel, 2001.

VERNANT, Jean Pierre – A morte nos olhos - Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre – Mito e Tragédia na Grécia Antiga - São Paulo – Perspectiva, 1999.

## **Da Internet:**

<http://www.academiadovinho.com.br/biblioteca/historia.htm>

Visitado dia 28/05/2005 as 10h00min horas

<http://www.assbb.org.br/cachaca.html>

Visitado dia 28/05/2005 as 10h05min horas

SUBIRATS, Eduardo: O último artista popular e cultura digital –

<http://www.vitruvius.com.br/arquitetos/arq056/arq056.00asp>

Visitado dia 21/05/2005 as 16h00min horas

## **Imagens**

CARVALHO, Murilo e SILVA, Silvestre P. – *Cachaça, uma alegre história brasileira*- São Paulo Caninha 51, Indústria e Comércio de Bebidas, 1988.